

E. M. DE MELO E CASTRO — **O Próprio Poético**, São Paulo, Edições Quiron, 1973, 162 pp.

Um livro de ensaios sobre a poesia portuguesa da atualidade, eis o que nos apresenta o A., tentando inovar naquilo que é a preocupação com um tema que ainda não foi discutido amplamente e que permanece aberto, na crítica literária em Portugal.

Compreende seis capítulos e se encerra com uma antologia dos poemas citados, no desenvolvimento das idéias críticas.

E. M. de M. e C. trata, paralelamente, da poesia de autores expressivos como Herberto Helder, Ramos Rosa, Adolfo Casais Monteiro, Gastão Cruz, Raul de Carvalho, Alberta Menéres e de José Régio, Camões ou Cesário Verde, ou de um texto de autor barroco buscando um problema fulcral que é o estabelecimento das raízes, influências e encontros da atualidade portuguesa com o que há de melhor e mais expressivo na poesia tradicional. As raízes o A. vai buscá-las na poesia medieval, em Camões, na poesia barroca do Postilhão de Apolo e da Fênix Renascida, na poesia do cotidiano de Cesário Verde, em Antero de Quental, no simbolismo de Camilo Pessanha e, mais detidamente, na poesia de Fernando Pessoa, especialmente através de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e em menor escala em Alberto Caeiro.

O. A., contudo, toma posição francamente de adesão à poesia experimental, embora reconheça (e aqui um dos méritos da obra) haver uma ruptura, o fato é que a tradição, o passado pesa decididamente nos poetas da atualidade, mostrando a impossibilidade de se romper com a tradição, pelo menos no que ela apresenta de mais significativo e permanente.

Certo caráter heteróclito e algo de mal alinhavado, se revela no trabalho que tem outros pontos de interesse: a preocupação com a palavra poética ao nível do silêncio, retomando, talvez, o que já pensava um Jean Claude Renard sobre a presença de tal elemento, (o silêncio) anterior e posterior à palavra poética.

O. A. se detém nas várias linhas da poesia portuguesa da atualidade, especialmente as ligadas ao movimento das

revistas, como *Árvore*, *Cadernos do Meio Dia*, *Távola Redonda*, ao *Novo Cancioneiro*, ao Surrealismo, à poesia experimental, nunca se desligando, contudo, de uma fonte ou raiz de uma tradição poética, na idade média, no século XVIII, ou XIX ou mesmo no classicismo de um Camões, ou no Simbolismo de um Pessanha.

O A. já começa a abandonar uma poesia como expressão de um conteúdo, para ater-se a um interesse por ela como obra de linguagem e produção de significação, defendendo, como se está a ver, uma poesia experimental em que o texto se revela como objeto criado e que se esgota em si mesmo, no momento em que o significado se identifica com o significante. À página 3, afirma-se numa verdadeira profissão de fé:

Há muito já que não falo dessa “Poesia”, porque não posso falar do que se me apresenta agora como verdadeiramente inviável, isto é, estar sujeito apenas às sensações elementares da vida. E a poesia que corresponde a este tipo de relação entre os homens está em vias de extinção, já desde o começo do século. Extinção que provém do dinamismo, do sentimento do mundo e de si próprio, complexo e facetado, que vamos projetando nas nossas próprias criações.” (p. 3).

Como se nota. E. M. do M. C. situa-se num abandono dos aspectos psicológicos da obra poética, como revelação de sentimentos, sensações e idéias do mundo, para se ater ao dinamismo da palavra, à possibilidade ou não da comunicação, através de uma linguagem que é construída com rigor:

“A Poesia realiza-se como uma tensão entre a não-comunicação e a comunicação, uma troca de bens que se guardam avaramente: uma linguagem. Mas o que se troca em poesia, não é diretamente mensurável em medidas físicas, e a não-comunicação estabelece-se definindo-se a si próprio como bem comunicável (ou não)...” (p. 3).

O. A. estabelece ainda os parâmetros da moderna poesia em Portugal, buscando situar as direções mais importantes nos últimos trinta anos, como sendo as seguintes: humanismo dramático (1940-1950) representado, dentre outros por Egito Gonçalves, Raul de Carvalho e Sebastião da Gama; realismo contraditório (1950-1960), representado por António Ramos Rosa, João Rui de Sousa e Maria Alberta Menéres e experimentalismo polivalente em que se integram Herberto Helder, Gastão Cruz, Luíza Neto Jorge, Salette Tavares, Ana Hatherly e E. M. de Melo e Castro.

Assinala ainda o A. que tais direções se mesclam com outras influências estéticas vindas do Surrealismo, do Neo-Realismo e do Barroco.

Embora defendendo a poesia como sendo o objeto criado, na materialidade da escrita, o fato é que o A. valoriza também os espaços em branco, o silêncio, a pontuação e também os aspectos imagéticos. No referente ao silêncio, vale a pena assinalar as palavras do ensaísta à página 9:

“Isto indica claramente que as palavras que compõem esta proposição são capazes de dizer coisas que existem só para além delas próprias (palavras), coisas que são silêncio. A rigor, o silêncio é a ausência de palavras, porém enquanto houver palavras podem dizer-se coisas, coisas que criam o silêncio.”

Outro aspecto a assinalar no livro é a preocupação com a imagem, o processo anafórico, a enumeração poética que conduzem a uma negação do caráter discursivo e histórico da poesia.

Livro que abre amplas perspectivas sobre a poesia portuguesa da atualidade, *O Próprio Poético* se reveste de indiscutível interesse para os estudiosos da Literatura Portuguesa, particularmente, os da poesia.

JOÃO DÉCIO